

CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS COM O VERBO *SER* NO PORTUGUÊS EUROPEU ESCRITO: UM ESTUDO COMPARATIVO

Elisângela GONÇALVES¹

RESUMO: Este trabalho faz parte da pesquisa de doutorado, cujo objetivo principal é mostrar quais contextos licenciam construções existenciais com o verbo *ser* no Português Brasileiro Contemporâneo – PBC. Aqui, especificamente, comparo dados escritos do século XIII ao XVI, coletados no *Corpus Informatizado do Português Medieval – CIPM*, aos do século XX, coletados no Projeto *Análise Contrastiva de Variedades do Português – Varport*. Tomo como base para minha análise a Teoria Gerativa (Chomsky, 1995), mais especificamente, a versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros, a visão não-lexicalista da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993, 1994; Harley & Noyer 2003), assim como a Teoria unificada das predicções locativas (Freeze 1992; Kayne 1993, entre outros). Os resultados apontam a progressiva redução do verbo *ser* existencial e a crescente evolução do uso de *haver* nos textos escritos em português.

Palavras-chave: Construções existenciais, dados escritos, Português, Teoria Gerativa, Morfologia Distribuída.

ABSTRACT: This paper is part of a doctoral research whose main objective is to investigate in which contexts *existential constructions* are used in contemporary Brazilian Portuguese. In this paper I compare 13th-16th century data from Computerized Corpus of Medieval Portuguese (CIPM) with 20th Century data in Contrastive Analysis of Portuguese Varieties - Varport. I take the Generative Theory (Chomsky, 1995) as the basis for my analysis. More specifically I use the minimalist version of Principles and Parameters Theory, the non-lexicalist view of Distributed Morphology (Halle & Marantz 1993, 1994; Harley & Noyer 2003), as well as the unified Theory of locative predications (Freeze 1992; Kayne 1993, among others). The results indicate the progressive reduction of the existential verb *ser* and the increasing development of the use of *haver* in written Portuguese texts.

Keywords: Existential constructions, written data, Portuguese, Generative Theory, Distributed Morphology.

1. Introdução

Tenho me dedicado a desenvolver um estudo diacrônico sobre as *construções existenciais* no português, entre os séculos XIII ao XXI, voltando-me mais detidamente para as estruturas que se constroem com o verbo *ser* (em comparação com aquelas realizadas com os verbos *estar*, *haver* e *ter*). Neste trabalho, faço um recorte desta pesquisa, apresentando uma análise preliminar, em que comparo dados escritos do Português Arcaico e Clássico aos do Português Brasileiro Contemporâneo, mais precisamente, do século XX.

¹ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Linguística do IEL/UNICAMP. Professora e bolsista da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

Além de pretender levantar os contextos que licenciam a ocorrência do verbo *ser* existencial no português, tenho como objetivos: (a) verificar o percurso desse verbo no português, correlacionando-o às mudanças sofridas pelos verbos *estar*, *haver* e *ter*; (b) verificar que estratégias são utilizadas (combinação de traços, propriedades do DP argumento interno, entre outras) para que sejam obtidos, na forma fonológica – PF, construções com o verbo *ser*, *estar*, *haver* e *ter* a partir de uma mesma estrutura subjacente.

Pesquisadores que se voltam para o estudo de construções com os verbos *ser*, *estar*, *haver* e *ter* (“construções locativas”) no português, diacronicamente, como Kato 1990, Mattos e Silva 1989, 1994, 1996, 1997, 2002, Ribeiro 1996, Avelar 2004, 2006, 2008, entre outros, atestam a ocorrência de construções com o verbo *ser* existencial até o século XV, quando o verbo *haver* passou a assumir esse papel. Todavia, essa afirmação me intrigou a partir do momento em que tive contato com sentenças, como as apresentadas em (1) seguinte, realizadas por falantes do município de Vitória da Conquista, localizado na Região Sudoeste do Estado da Bahia:

- (1) a. Lá no Rio de Janeiro *é* uma violência terrível.
 b. Porque lá *é* pré-escolar e *é* crianças pequenas a ver essa violência por parte das mães.
 c. Na periferia *é* muita violência.
 d. E= A violência muitas vezes *está* dentro de casa. *É* muitos casos de maridos que *agridem* a mulher...
 e. E a mãe corrige pela primeira vez, aí ele já fica com medo de fazer de novo né. Então já *foi* uma ajuda boa.
 f. *São* vários fatores que levam a pessoa a entrar na dependência.

A meu ver as sentenças acima construídas com o verbo *ser* fazem parte das chamadas construções existenciais; prova disso é que esse verbo pode ser substituído pelos verbos existenciais *existir*, *haver* e *ter*, sem alteração de seu sentido:

- (2) a. Lá no Rio de Janeiro *existe* uma violência terrível.
 Lá no Rio de Janeiro *há* uma violência terrível.
 Lá no Rio de Janeiro *tem* uma violência terrível.

- b. Porque lá é pré-escolar e *existem* crianças pequenas a ver essa violência por parte das mães.
 Porque lá é pré-escolar e *há* crianças pequenas a ver essa violência por parte das mães.
 Porque lá é pré-escolar e *têm* crianças pequenas a ver essa violência por parte das mães.
- c. Na periferia *existe* muita violência.
 Na periferia *há* muita violência.
 Na periferia *tem* muita violência.
- d. E= A violência muitas vezes está dentro de casa. *Existem* muitos casos de maridos que agredem a mulher...
 E= A violência muitas vezes está dentro de casa. *Há* muitos casos de maridos que agredem a mulher...
 E= A violência muitas vezes está dentro de casa. *Têm* muitos casos de maridos que agredem a mulher...
- e. # E a mãe corrige pela da primeira vez, aí ele já fica com medo de fazer de novo né. Então já *existiu* uma ajuda boa.
 E a mãe corrige pela da primeira vez, aí ele já fica com medo de fazer de novo né. Então já *houve* uma ajuda boa.
 E a mãe corrige pela da primeira vez, aí ele já fica com medo de fazer de novo né. Então já *teve* uma ajuda boa.

O verbo *ser existencial* ocorre não somente com o sentido de *existir*, como nos exemplos acima e em (3) a seguir, mas também com o sentido de *ocorrer* ou *acontecer*, conforme o exemplo em (4).

- (3) E = Talvez para aquela época fosse a melhor forma de educar. E hoje, você acha correto os pais agirem da mesma forma de antes?
 I = Agir da mesma forma? (E = Com essa rigorosidade) Eu acho que não precisava tanto, ou não precisa tanto, porque os pais não tinha aquela liberdade de falar com os filhos [...] *Era (existia)* aquela lei mais severa, uma educação mais severa.

(4) Não *foi* (*aconteceu/ocorreu*) no seu tempo não.

Diante desse fato, faço os seguintes questionamentos:

- (i) Será que, de fato, o uso de *ser existencial* se extinguiu no século XV? Em caso afirmativo, como explicar a ocorrência de sentenças como as apresentadas acima no Português Brasileiro Contemporâneo?
- (ii) A estrutura, como a observada acima, corresponde à mesma atestada no Português Arcaico e no Português Clássico?
- (iii) Será que o emprego do verbo *ser* como *existencial* não se verifica realmente nos dados do português escrito europeu após o século XV (a partir de quando os pesquisadores não mais atestam o seu uso)?

De modo a responder parte das questões acima elencadas, selecionei dados escritos (181 sentenças) do Português Arcaico e Clássico no *Corpus* Informatizado do Português Medieval, disponibilizado no endereço <http://cipm.fcsh.unl.pt>. Aqui comparo esses dados a dados escritos do Português Europeu Contemporâneo, tendo selecionado todos os Editoriais e Notícias do Projeto *Análise Contrastiva de Variedades do Português – Varport*, num total de 131 sentenças, cronologicamente organizados como segue: (1) de 1925-1949; (2) de 1950-1960; (3) de 1960-1974; (4) de 1975-2000. Esses dados constam no endereço <http://www.lettras.ufrj.br/varport/>.

A hipótese que sustenta esta pesquisa é a de que, no português brasileiro, construções impessoais com o verbo *ser* podem apresentar uma estrutura existencial.

2. Delimitação das construções existenciais

A hipótese que aqui se assume está baseada na proposta de Freeze 1992, que defende a existência de um paradigma locativo universal para o *predicado locativo* (5a), o *existencial* (5b) e a *predicação com have* (5c), em que todos se derivam de uma única estrutura subjacente em que a preposição é o núcleo do sintagma predicado:

- (5) a. The book is on the bench.
- b. There is a book on the bench.
- c. Lupe has a book.

A construção existencial, em (b), possuindo um sujeito locativo, difere-se do predicado locativo, em (a) pelo Efeito de Definitude:

- (i) quando o argumento Tema é definido, portanto, o sujeito, é deslocado para o início da sentença, originando um *predicado locativo*;
- (ii) quando o Tema é indefinido, permanece *in situ*, e é o sintagma locativo que é o sujeito, logo, movido para o início da sentença, resultando numa construção *existencial*;
- (iii) a mesma estrutura da existencial se verifica na *possessiva*, com a diferença de que o Tema, nesse tipo de construção, é preferencialmente [+humano].

No entanto, tal restrição não se aplica às construções existenciais do português, visto que é possível encontrarmos sentenças como (6a) abaixo, onde o sintagma locativo está posposto ao verbo; (6b), onde o Tema definido é pré-verbal, sem gerar, contudo, um predicado locativo, mas uma sentença existencial; (6c), onde não é sequer possível recuperar o locativo no contexto:

- (6)a. Título p(ri)m(eyr)o q(ue) fala das leys e som XIX leys *en este titolo*. (Alphonse X, Primeyra Partida, séc. XIV. Fonte: CIPM)
- b. *O primeiro Hercoles foy em [o] tempo de Moyses*. (Crónica Geral de Espanha, séc. XIV. Fonte: CIPM)
- c. [...] se for outra ferida ch(us) pequena ou de mao posta ou enpellada... (Foros de Garvão, séc. XIII. Fonte: CIPM).

Tento esboçar abaixo uma proposta que dê conta da posição do locativo no português.

Considero como a melhor maneira para tentar dar conta da minha proposta adotar os pressupostos teóricos da Teoria Gerativa, no seu Programa Minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1995) e da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993, 1994; Harley & Noyer 2003), segundo a qual, apenas os traços formais são manipulados pelo sistema computacional. Os itens vocabulares só são incorporados na interface fonológica após a implementação dos procedimentos sintáticos necessários à formação da sentença. Dessa forma, é a manipulação desses traços no decorrer da derivação que vai levar à realização de *ser*, *estar*, *haver* ou *ter* em construções locativas, possessivas e existenciais. Evita-se, assim, o que ocorre ao assumir-se uma visão lexicalista, que consiste na

alteração do material fonético de uma forma, transformando-a em outra, uma vez que as informações fonéticas já estariam presentes desde o início da derivação.

3. Resultados Preliminares

Conforme afirmei acima, constituem os dados aqui analisados sentenças existenciais do Português Arcaico e Clássico, demonstrados em (7), assim como do Português Europeu Contemporâneo, conforme (8):

- (7) a. [...] pera os outros que *eram* em seus tempos. (Crónica Geral de Espanha, séc. XIV. Fonte: CIPM)
- b. E *som*, da outra parte da Europa, yhas menores que estas e jazen ãno mar Mediterraneo (Crónica Geral de Espanha, séc. 14. Fonte: CIPM)
- c. Véspera de Penticoste *foi* grande gente assũada em Camaalot (Demanda do Santo Graal, séc. 15. Fonte: CIPM)
- (8) a. Os factos são os factos; e a grande verdade é que, seja lá pelo que *fôr*, para muitos alunos dos nossos liceus, não existem apenas a escola oficial, que frequentam, e a casa paterna, em que estudam. (Editorial, 21.01.1930. Fonte: Varport)
- b. *Foi* isso ha muito tempo? *Foi!* (Editorial, 12.08.1930. Fonte: Varport)

Embora tivesse me proposto a analisar sentenças do português a partir do século XII, não foi registrada nenhuma sentença existencial nesse século.

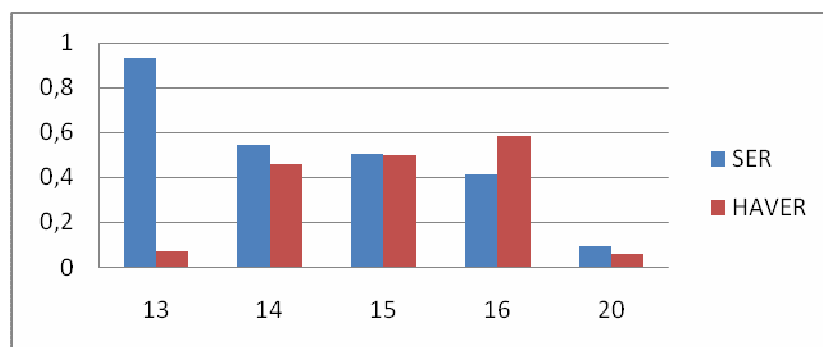
Nos dados do CIPM, contou-se com 181 ocorrências, dentre as quais 60 construídas com o verbo *ser* e 121, com o verbo *haver*. Após proceder às primeiras rodadas com o Programa *Goldvarb*, ocorreram alguns *knockouts* – alguns fatores, por exemplo, só aconteceram com o verbo *ser*, como a *concordância entre sujeito e verbo*. Dessa forma, não houve variação, e o fator foi, portanto, excluído pelo Programa. Quanto ao Varport, apesar de ter analisado todos os textos disponibilizados – Editoriais e Notícias, entre 1925 a 2000, encontrei apenas 36 ocorrências com construções existenciais, dentre as quais somente duas com o verbo *ser*.

Como podemos observar na Figura 1 a seguir, o verbo *ser* acontece mais nos textos escritos no século XIII, como esperado, com 23 ocorrências, o que equivale a 82,1% em relação a 17,9% de ocorrências com *haver*, correspondentes a apenas 5 sentenças. Já no

século XIV, percebe-se uma reviravolta vertiginosa, pois o emprego de *haver* sobe para 69,2% enquanto o de *ser* cai para 30,8%, respectivamente, 36 e 16 ocorrências. Essa variação permanece no século XV, em que *haver* mostra o percentual de 60,6% (20 sentenças) e *ser*, 39,4% (13 sentenças). A tendência é de essa diferença se acentuar: *ser* apresenta percentuais de 16,2% (6 sentenças) e 6,5% de ocorrências (somente 2 sentenças) com relação a 83,8% (31 sentenças) e 93,5% (29 sentenças) de *haver*, respectivamente, nos séculos XVI e XX. Em termos relativos, é justamente no século XIII que o emprego de *ser* lidera, com 0.932, reduzindo-se ao longo dos séculos: XIV, 0.544, XV, 0.504, e XVI, 0.415. No século XX, esse índice cai drasticamente para 0.094.

Esses resultados diacrônicos são muito interessantes para a análise que desenvolvo com o verbo *ser*, pois nos levam à falsa conclusão de que o verbo *ser* perdeu definitivamente seu posto de verbo existencial. Afirmo que se trata de uma falsa conclusão pelo fato de claramente encontrar em *dados falados* do Português Brasileiro Contemporâneo uma grande ocorrência de sentenças existenciais com o verbo *ser*, como as aqui apresentadas em (2-4) acima.

Figura 1. Emprego dos verbos *ser* e *haver* no Português Antigo e Clássico em comparação com o Português Brasileiro Contemporâneo



Input: 0.279

Nível de Significância: 0,010

Com relação à definitude do argumento interno ou Tema, o verbo *ser* acontece mais com argumentos introduzidos por pronome demonstrativo (0.97) e artigo definido (0.75), assim como com pronome relativo (0,672), conforme os exemplos em (9a-c), respectivamente. Já *haver* acontece mais com Tema indefinido e *bare nouns singular e plural*, como em (10a-c), respectivamente. Esses resultados confirmam minha observação feita no início deste trabalho de que o Efeito de Definitude proposto por Freeze 1992 para as construções existenciais não se aplica às sentenças do português, tendo em vista, não somente

o grande nível de ocorrência de DPs definidos com o verbo *ser*, como o fato de também o verbo *haver* permitir esse tipo de DP, embora não com pesos relativos tão elevados como os de *ser*. Essa questão será melhor aprofundada no decorrer da pesquisa.

- (9) a. E, outrossy em tempo de Moyses, ante seis ãnos que tirasse o poboo de Isrrael do Egipto, *foy este [segundo] Hercolles*. (Crónica Geral de Espanha, séc. XIV. Fonte: CIPM)
- b. Ca diz a Sancta Escriptura que ão é *huu mayor enmigo ca aquel que dana a boa fama do outro*. (Tempos dos Preitos, séc. XIII. Fonte: CIPM)
- c. q[ue] esto ão possa enpézer a nossos preytos ã a las cõuenenzas *q[ue] sunt* entre uos & my. (Chancelaria D. Afonso III, séc. XIII. Fonte: CIPM)
- (10) a. Mas *há uma diferença abissal* entre um ser esfomeado que rouba uma maçã para comer... (Editorial, 14.02.1998. Fonte: Varport)
- b. Nesse plano *haverá acaso movimento* e em que sentido? (Editorial, 05.01.1950. Fonte: Varport)
- c. posessem dêtro ã el hũũ candeiro d'ouro feyto ã man(eyr)a d'aruor ã q(ue) *ouuesse #VII rramos* (Alphonse X, Primeyra Partida, séc. XIV. Fonte: CIPM)

Enquanto *haver* se realiza mais com argumentos explícitos, com 0.550 das ocorrências, e, de preferência, pospostos, 0.573, conforme (11), *ser* é preferido com argumentos implícitos, 0.902, como em (12a), mas quando explícito, o argumento, na maioria das vezes, vem anteposto ao verbo, 0.763 (12b).

- (11) E out(ro)ssy ã este cõto nos mostrou el meesmo a oraçõ do {{Pat(er) N(oste)r}} ã q(ue) *ha #VII cousas con q(ue) lhy deuemos pedyr m(er)çee*. (Alphonse X, Primeyra Partida, séc. XIV. Fonte: CIPM)
- (12) a. Ca ou he [*todallas cousas*] suso ou ajuso ou adeãt(e) ou atras ou he a deestro ou ha seestro ou aderredor. (Crónica Geral de Espanha, séc. XIV. Fonte: CIPM)

- b. Ca, se *as scripturas non fossem*, qual sabedoria ou engenho d'homen se poderia recordar de todas as cousas passadas (Crónica Geral de Espanha, séc. XIV. Fonte: CIPM)

No que se refere à posição do locativo na sentença, verifiquei que enquanto *ser* acontece preponderantemente sem locativo explícito, 0.739, como demonstrado em (13), *haver* vem antecedido por um locativo, 0.806, conforme (14) abaixo. Ambos os verbos variam quanto à posposição do locativo: 0.562 para *ser* e 0.438 para *haver*. No entanto, chamou minha atenção o fato de, ao somarem-se os percentuais de *ser* e *haver*, é o “locativo nulo” que mais acontece nas sentenças, 36,5%, contra 32% de locativos pospostos e 31,5% de antepostos. De todo modo, a posição canônica do locativo – anteposto ao verbo –, segundo a proposta de Freeze 1992, é a que menos ocorre nas existenciais.

- (13) Titolo #IP q(ue) fala do uso e do custome e dos artigos e dos foros e sō #XVIII leis (Alphonse X, Primeyra Partida, séc. XIV. Fonte: CIPM)
- (14) A #CCCCLIII anos compridos de morte de Jhesu Cristo, em dia de Pinticoste, deve *haver* esta seeda senhor (Demanda do Santo Graal, séc. XV. Fonte: CIPM)

Comparando a posição do locativo no decorrer dos séculos, verificamos que, no século XIII, *ser* acontece mais com locativos nulos, 91%, e pospostos ao verbo, 85% – os antepostos apresentam 50% de ocorrências –, enquanto *haver* apresenta 15% de locativos pospostos e 9% de locativos nulos. Há uma inversão no século XIV, passando a apresentar 47% de pospostos, 24% de antepostos e 19% de locativos nulos. Esse quadro se mantém até o século XX, com a exceção de que, no século XVI, reduz-se o emprego de locativos antepostos (5% com relação a 1% de pospostos e 44% de nulos), chegando a 0% no século XX. *Haver* possui índices de 9% de locativos nulos, 50% de antepostos e 2% de pospostos no século XIII; mantendo esse padrão no século seguinte (81% de nulos, 76% de antepostos e 53% de pospostos), acontecendo uma inversão no século XV, pois os antepostos passam a apresentar maior percentual (83%) que os nulos (46%). Já no século XVI, é o locativo posposto que “assume a liderança”, com 95% das ocorrências, seguido dos locativos antepostos, 83%, e dos nulos, 56%. Os antepostos chegam a 100% no século XX (em comparação com o verbo *ser*), vindo após eles os nulos, com 94% e os pospostos, com 86%.

Os resultados relativos à posição do locativo na sentença poderiam consistir num complicador para a validação da proposta de Freeze aos dados do português. Todavia, a fim de mantê-la, vou argumentar que, nos casos em que o locativo vem posposto ao verbo, ele também se encontra em [Spec, TP], posição comumente ocupada por sujeitos no Português Antigo, quando era comum a inversão do sujeito. Em casos em que não há locativo explícito, postulo a existência de um locativo nulo que licenciaria o DP.

Quanto à concordância entre sujeito e verbo, *ser* registra 27 sentenças com concordância, como em (15a), e apenas 6 sem, 0.153, justamente quando o argumento interno está implícito, (15b). *Haver*, ao contrário, não apresenta nenhum caso de concordância em 40 sentenças, 0.847, conforme (16) a seguir. Também é *haver* que mais ocorre com os argumentos no singular, contando com 0.642.

- (15) a. Titolo #VI^o da p̄edença q(ue) he o #III^o sacram(ẽ)to e p(or) q(ue) ha assy nome e som q(ua)rẽeta e hũa leis. (Alphonse X, Primeyra Partida, séc. XIV. Fonte: CIPM)
- b. Ca ou he [todalas cousas] suso ou ajuso ou adeãt(e) ou atras ou he a deestro ou ha seestro ou aderredor. (Alphonse X, Primeyra Partida, séc. XIV. Fonte: CIPM)
- (16) Capitollo primeiro Das partes do nosso entendimento. Do entendimento nosso, segundo minha declaração, ha #VII partes. (Leal Conselheiro, séc. XV. Fonte: CIPM)

A nossa hipótese é a de que, nas existenciais construídas com o verbo *ser*, o argumento interno, Tema, checa seu traço de Caso nominativo contra o traço de T, ocorrendo a concordância entre ele e o verbo. Ressalto que, em todas as sentenças com sintagmas determinantes plurais, estes concordam com o verbo *ser*, mas nenhum com o verbo *haver*. Quanto a este verbo, proponho que o Caso relacionado é o acusativo. Reside aqui o fato de as existenciais do português não estarem sujeitas a restrições quanto ao uso de Temas definidos (sejam pré ou pós-verbais), pois, o Caso a ser checado tanto nas existenciais com *ser* quanto nas existenciais com *haver* não é o *partitivo*, o responsável pelos efeitos da restrição de definitude, nos termos de Belletti 1988.

O Tempo e a forma verbal não foram considerados importantes para a ocorrência de *ser* e *haver* em termos de peso relativo. Quanto ao percentual, as formas do Subjuntivo e o

presente do Indicativo preservam o emprego de *ser*, com, respectivamente, 46,7% e 34,5%, conforme (17a-b). *Haver*, por sua vez, é preferido nos pretéritos imperfeito (73,5%) e perfeito (68,8%) do Indicativo, respectivamente os exemplos em (18a-b). Sobre esse grupo de fatores, Callou e Avelar 2002, ao analisarem *corpora* das décadas de 1970 e 1990 do falar culto carioca, comparando *ter* e *haver*, verificam que *ter* privilegia as formas do presente, enquanto *haver*, as do passado.

- (17) a. E o q(ue) *ffor* en seu logo outro ssy seer vezinho de S(ant)aren (Tempos dos Preitos, séc. XIII. Fonte: CIPM)
 b. Já alá *som* muitos cavaleiros da vossa companhia, por veerem maravilha. (Demanda do Santo Graal, séc. XV. Fonte: CIPM)
- (18) a. E temia ca *havia* em ele mui grande sabor por que era santa cousa e santa creatura. (Demanda do Santo Graal, séc. XV. Fonte: CIPM)
 b. por a qual razon *ouve* antr'eles muytas e grandes contendas e lides e mortes. (Crónica Geral de Espanha, séc. XIV. Fonte: CIPM)

Sobre o conteúdo nocional do argumento interno, o verbo *ser* apresenta um elevado peso relativo quando acontece com elementos que possuem a especificidade animado, 0.686, como em (19a). Todavia ocorre preferencialmente em contextos em que não é possível definir com segurança o conteúdo nocional do DP, sobretudo naqueles em que é intercambiável por outros verbos, como *acontecer*, 0.946, como em (19b). *Haver* ocorre preferencialmente com argumentos que indicam *evento*, chegando a 100% de ocorrências; em seguida, com argumentos que denotam *espaço*, 0.655, assim como com argumentos *abstratos*, 0,666, conforme é demonstrado em (20a-c).

Esses resultados estão de acordo com os verificados por Callou e Avelar 2002, exceto com relação ao fato de o verbo *haver* ser favorecido por elementos com o traço inanimado, 0,607, conforme (20d), já que, na análise desses autores, é o verbo *ter* que é preferido por elementos com a especificidade animado e inanimado, que compartilham o traço [+MATERIAL], e *haver*, pelos argumentos abstratos e que designam evento, marcados pelo traço [-MATERIAL]. Ao longo da pesquisa, olharei com mais vagar para essa questão. O fato de dispor de mais dados poderá me ajudar a elucidá-la.

- (19) a. *Todo homen que no Reyno for e atees cabo de #x anos ñ demandar erdade ou vigna. ou Casa.* (Foros de Garvão, séc. XIII. Fonte: CIPM)
- b. E Lançarot, tanto que soube *que era*, logo foi alá após eles. (Demanda do Santo Graal, séc. XV. Fonte: CIPM)
- (20) a. E vemdo elrey Crisnarao sua determinação, passou a ribeyra con toda sua gente e allyfantes, e no passo do rio *ouve grandes encontros d ambollas partes*, omde morreo muyta gente (Crónica dos Reis de Bisnaga, séc. XVI. Fonte: CIPM)
- b. E sse de Deos has vergonça, nom *ha logar* hu sse o homẽ ascõda ante os seus olhos. (Notícia de Torto, séc. XIII. Fonte: CIPM)
- c. [...] e ñ *ha alma* ñ hũa ñ sentimêto ñ out(ra) cousa ñ hũa asy como os metaes e as pedras. (Alphonse X, Primeyra Partida, séc. XIV. Fonte: CIPM)
- d. E foy-me cõ elle e levou-me a hũũ canpo ã no qual *avia mui desvairadas arvores de desvairados fructos*. (Notícia de Torto, séc. XIII. Fonte: CIPM)

No que diz respeito ao Tipo de Texto, *ser* predomina em textos descritivos (do CIPM), 0.852, assim como nas cartas, 0.806; *haver* é mais usado nos Editoriais, 0.958, e nos textos narrativos (do CIPM). Isso corrobora os resultados obtidos por Callou e Avelar 2002: 91, que registram o fato de *haver* ter se limitado a ser um verbo típico de narração. Isso porque este tipo de texto “privilegia o emprego de tempos do sistema ‘passado’”.

Dessa forma, creio que pude responder aos questionamentos apresentados no início deste trabalho:

– As questões (i), “Será que, de fato, o uso de *ser existencial* se extinguiu no século XV? Em caso afirmativo, como explicar a ocorrência de sentenças como as apresentadas acima no Português Brasileiro Contemporâneo?”, e (ii) “Será que o emprego do verbo *ser* como *existencial* não se verifica realmente nos dados do português escrito europeu após o século XV (a partir de XV quando os pesquisadores não mais atestam o seu uso)?”, são respondidas à medida que registramos o emprego do verbo *ser existencial* nos textos escritos entre os séculos XVII e XVIII, como mostrado em (21-23) a seguir, respectivamente, além das diversas sentenças do século XVI aqui apresentads, bem como as do dialeto de Vitória da Conquista mostradas no início desse trabalho. Os dados não apontam para o fato de tratar-se de uma retomada de um uso que só era verificado até o Português Clássico.

- (21) a. [...] e *são* duas couzas muito essenciaes para emendar latrocinios; *o saber para os apanhar, e o poder para os emendar* (C-006, séc. XVII. Fonte: *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*)
- b. Muitas couzas acabaõ por antigas, porque se corrompem de velhas: e muitas começaõ, aonde as outras acabaõ: isto *he* na antiguidade; porque só á custa della lograõ alguns bene esses, como as trempes do Japaõ, que as mais velhas são de mayor estima. (C006, séc. XVII. Fonte: *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*)
- (22) a. Deste meu parecer *são* muitos Portugueses de boa doutrina com quem tenho conversado nesta matéria... (V-001, séc. XVIII. Fonte: *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*)
- b. E, como não temos documentos bem claros, ainda hoje variam muito os Gramáticos no determinar quando *era* ponto, e quando vírgula, etc. (V-001, séc. XVIII. Fonte: *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*)
- (23) Os factos são os factos; e a grande verdade é que, seja lá pelo que *fôr*, para muitos alunos dos nossos liceus, não existem apenas a escola oficial, que frequentam, e a casa paterna, em que estudam. (Editorial do jornal *Diário de Notícias*, 21.01.1930)

– Com relação à questão (ii) – “A estrutura das construções existenciais no Português Europeu Contemporâneo, dados do Varport, corresponde à mesma atestada no Português Arcaico e no Português Clássico?”, não me parece ter sido contemplada todavia, em decorrência do reduzidíssimo número de ocorrências com o verbo *ser existencial* no século XX, apenas duas, como registrado acima. Entretanto, tomando como base a sentença do século XX, em (24a) abaixo, é possível constatar que a estrutura é similar à encontrada em sentenças do Português Arcaico, conforme (24b):

- (24) a. *Foi* isso ha muito tempo? *Foi!* (Editorial do jornal *O Século*, 12.08.1930)
- b. Pero ante que esto *fosse*, prometera Boo[r]z a Nosso Senhor de Ihe guardar sua virgindade. (Demanda do Santo Graal, séc. XV. Fonte: CIPM)

4. Considerações Finais

Foi possível constatar que, a partir do século XIV, a ocorrência de *ser* é sempre mais reduzida que a de *haver*, só superando a deste no século XIII, ao menos na escrita. *Ser* não está sujeito a efeitos de definitude, tendo em vista que ocorre com bastante frequência com elementos introduzidos por pronome demonstrativo e artigo definido. Também verifiquei que a proposta de Freeze do modo como é apresentada não pode ser aplicada aos dados do português. Na tentativa de salvaguardá-la, propus que, mesmo quando posposto ao verbo, o locativo não deixa de ocupar de [Spec,TP], visto ser esta uma posição possível para alocação de sujeitos nesta língua, e que, nos casos em que o locativo não se encontra explícito na sentença, está presente um locativo nulo, de modo a licenciar o Tema. Com relação a Caso, em se tratando do verbo *ser*, o argumento interno checa seu traço de Caso nominativo contra os de T; quanto a *haver*, por seu turno, o Caso em questão é o acusativo, não o partitivo, conforme proposta de Belletti 1998. Assim, não há razões para a aplicação do Efeito de Definitude sobre as existenciais do português. Os dados ainda confirmam os resultados de Callou e Avelar 2002, no que se refere ao fato de *haver* se restringir a narrativas, as quais privilegiam tempos passados, enquanto *ser*, semelhantemente a *ter*, usar-se mais com o presente. Este é favorecido por argumentos marcados com o traço [+MATERIAL], e aquele, pelos que possuem traço [-MATERIAL]. Os resultados referentes aos elementos inanimados, entretanto, distoam dos obtidos por esses autores, visto que são mais empregados com *haver*. Trata-se de um caso a ser aprofundado posteriormente. Pude mostrar que o emprego do verbo *ser existencial* não cessou no século XV, como pesquisadores brasileiros têm afirmado, embora, no texto escrito do Português Europeu Contemporâneo, sua presença seja praticamente nula, o que pode se dever ao *corpus* analisado. A fim de confirmar esse fato, será necessário proceder ao levantamento de mais dados. No concernente à questão de a estrutura das existenciais do Português Europeu Contemporâneo ser a mesma da do Português Arcaico e do Clássico, não considero que possa ter sido respondida satisfatoriamente, devido ao número de ocorrências com o verbo *ser existencial* ter sido ínfimo no Varport.

REFERÊNCIAS

AVELAR, J. O. De Verbo Funcional a Verbo Substantivo: uma Hipótese para a Supressão de HAVER no Português Brasileiro. **Letras de Hoje**, 41(1), 2006, p. 49-74,.

_____. **Dinâmicas morfossintáticas com TER, SER e ESTAR em português brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, 2004.

BELLETTI, Adriana. The case of unaccusatives. **Linguistic Inquiry**, 19, 1998.

CALLOU, D.; AVELAR, J. O. de. Sobre TER e HAVER em Construções Existenciais: Variação e Mudança no Português do Brasil. **Gragoatá**, v. 9, 2002, p. 85-100.

CHOMSKY, N. **The minimalist program.** Cambridge: MIT Press, 1995.

FREEZE, R. Existential and other locatives. **Language**, 68, 1992.

HALLE, M; MARANTZ, A., Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALLE, K.; KEYSER, J. (Org.). **View from the Building 20.** Cambridge, MA: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HARLEY, H.; NOYER, R. Distributed Morphology. In: CHENG, L.; SYBESMA, R. (Org.). **The second Glot International.** Mouton de Gruyter, 2003, p. 463-496.

KAYNE, R. S. Toward a Modular Theory of Auxiliary Selection, **Studia Linguistica**, 47, 1993, p. 3-31 (reprinted in Kayne (2000)).

Kato, M. Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. **D.E.L.T.A.**, 23: esp., 2007, p.85-111.

MATTOS E SILVA, R. V. Vitórias de “ter” sobre “haver” nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Org.). **O português quinhentista: estudos lingüísticos.** Salvador: EDUFBA. 2002, p. 119-142.

_____. Observações sobre a variação no uso dos verbos “ser”, “estar”, “haver”, “ter” no galego-português ducentista. **Estudos lingüísticos e literários**, 19. 1997, p. 253-285.

_____. A variação HAVER/TER. In: MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). **A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500.** Salvador: EDUFBA/UEFS/EGBA, 1996, p. 181-193.

_____. Para uma caracterização do português arcaico. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, n. 10, 1994, p. 247-276.

_____. **Estruturas trecentistas.** Elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: IN-CM, 1989.

RIBEIRO, I. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In: ROBERTS I.; KATO, M. (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica.** 2. ed. Campinas, Editora UNICAMP, 1996, p. 343-386.